

AUGUSTO DE CAMPOS

À MARGEM DA MARGEM



COMPANHIA DAS LETRAS

SUMÁRIO

<i>À MARGEM DA MARGEM</i> — prefácio	7
--	---

DA EUROPA

O Flaubert que Faz Falta (1980)	13
A Prosa é “Mobile” (1963)	23
Outras Palavras sobre <i>Finnegans Wake</i> (1982)	35
Dois Fragmentos do <i>Finnegans Wake</i>	41
Belli, Diabolus in Poesia (1987)	51
Dois Sonetos de Belli	57
Intradução	62
Nuvem-Espelho para Sinisgalli (1984)	63

DA RÚSSIA

Profilograma 1 (Pound-Maiakóvski)	72
Vida Breve, Arte Longa (1967)	73
O Sputnik e a Troca de Sinais (1967)	79
Intradução	86
O Colombo dos Novos Continentes Poéticos (1985)	87

DOS EUA

Pound Made (New) in Brazil (1965)	99
Objetivo: Louis Zukofsky (1964)	113
A Fúria de Júlia	124
Bob Brown: Poemas Óticos (1965)	127

DO BRASIL

Notícia Impopular de <i>O Homem do Povo</i> (1983)	145
Resiste, Ro (1985)	159
Dialética da Maledicência (1985)	175
The Gentle Art of Making Enemies (1976)	181

À MARGEM DA MARGEM

Num belo poema de 1951 escreveu Décio Pignatari:

— Apenas o amor e, em sua ausência, o amor
decreta, superposto em ostras de coragem,
o exílio do exílio à margem da margem.

Lembrei-me desses versos quando decidi montar o presente livro, juntando artigos e estudos díspares, elaborados em épocas diversas — o mais antigo, “A Prosa é Mobile”, em 1963, o mais recente, “Belli, Diabolus in Poesia”, em 1987 — e até aqui dispersos por jornais e outras publicações especiais.

Díspares. Diversos. Dispersos. O que têm eles em comum? A marginalidade dos que buscaram caminhos não balizados, abriram sendas novas, estranhas ao território habitual da poesia ou da literatura. Do avesso do avesso à margem da margem — para utilizar as duas lapidares equações pignatarianas.

Trata-se, nessa acepção, de textos marginais de autores marginais em relação à estrada oficial das letras, mesmo que, como no caso de Flaubert, Joyce ou Butor, tenham estes, em algum ponto do caminho, passado a figurar no rol dos nomes consagrados da literatura. Pois ninguém há de negar que *Bouvard et Pécuchet*, *Finnegans Wake* ou *Mobile* constituam desenvolvimentos imprevistos, desvios arriscados dentro do percurso já por si revolucionário dos seus autores — “musica reservata” diante de outras criações menos resistentes à compreensão, como *Madame Bovary*, *Ulysses* ou *La Modification*, respectivamente, por difícil que haja sido a aceitação destas mesmas obras comparativamente mais assimiláveis. “Distinctions in shade.” Procuo,

pois, a margem da margem. E é isso o que me permite reunir tão diversa e dispersa matéria nesta nova viagem interliterária que proponho, após *O Anticrítico e Linguaviagem*.

O livro começa e termina com Flaubert. *Copions*. Como digo em “O Flaubert que Faz Falta”, esse último Flaubert, fragmentário e corrosivo, tem a ver com os últimos Mallarmé, Joyce e Duchamp e é, portanto, atualíssimo, na sua implacável disposição crítica, levada ao limite. Que me seja permitido fechar o círculo vicioso de sua funda e fundamental ironia com a anti-homenagem que fiz, sob sua invocação e a de Whistler, à *poesia concreta*, em 1976, através da constelação de algumas críticas adversas: um ramal da “gentle art of making enemies”, que não deseja acirrar ânimos — até porque alguns “inimigos” de outrora são hoje meus amigos — mas quer, simplesmente, registrar, explicitando por sinais negativos uma presença incômoda, irritante, porque nova. O mesmo propósito e o mesmo espírito tem a transcrição do artigo com que respondi à crítica ao meu poema “Pós-tudo”. Eu pretendia, aliás, que algumas páginas do meu “sottisier” acompanhassem o artigo-resposta, quando de sua publicação no “Folhetim”, da *Folha de S. Paulo*, mas a editoria do suplemento não quis atender à minha solicitação, naquela oportunidade. Como o crítico entendeu de incluir o seu “negative approach” em livro, nada mais justo e pertinente do que a publicação desta minha “defense of poetry”, sem mutilações, no mesmo tipo de veículo literário e pela mesma editora.

Entre um e outro extremos do arco flaubertiano desfilam os personagens principais deste livro, alguns menos conhecidos, como Giuseppe Gioachino Belli, Leonardo Sinisgalli, Louis Zukofsky, Bob Brown ou Ronaldo Azeredo, outros mais, como Khlébnikov ou Pound, vistos sempre de uma perspectiva radical, que põe em foco um Khlébnikov, “borboleta em voo cego”, no seu centenário não comemorado, um Pound “made (new) in Brazil” ou os “marginais” Oswald e Pagu de *O Homem do Povo*. Tudo compondo — eu espero — um exemplário de escritores *da margem*, um tanto ao modo da *Anthologie der Abseitigen* (Antologia dos Marginais) em que Carola Giedion-Welcker colecionou poemas de artistas rebelionários como Kurt Schwitters, Hugo Ball, Theo Van Doesburg, Paul Scheerbart.

Dessa margem da margem partem vozes insólitas capazes de perturbar a toada e o coro monótonos ouvidos à passagem dos autores mais acomodáticos e mais digeríveis. Se estes são inevitáveis e dão o tom geral da era, de algumas vozes dissonantes, minoritárias, pode provir, subitamente, uma luminosidade inadvertida que desbanalize o som, vare o marasmo e sacuda o tediário cotidiano.

Augusto de Campos
1988